

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 números, e de 12\$000 por série de 26 números.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

LUIZ CRULS. Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
SÓ	Julio Cesar da Silva.
COMO SÃO OS ANJOS.	J. de Moraes Silva.
EPHEMERAS (INTRODUÇÃO).	Raymundo Correia.
VISÃO SINISTRA	Cunha Mendes.
LIVROS NOVOS. Cosimo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO.	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

EPITACIO PESSOA

LUIZ CRULS

Filho legitimo do Dr. Augusto Cruls, engenheiro civil que no seu paiz levou a cabo varios trabalhos de subida importancia, nasceu Luiz Cruls em Diest, provincia de Brabante, na Belgica, aos 21 de Janeiro de 1848.

De 1863 a 1868 cursou a escola de engenharia civil da Universidade de Gand, e foi admittido como aspirante de engenharia militar, obtendo nesta ultima carreira, cujo curso seguiu durante um anno, os postos de 2° e 1° tenente.

Em 1874 pedio demissão, e em boa hora trasladou-se para o nosso paiz, que elegeu por Patria, e cujo progresso scientifico adquiria nelle um dos seus mais bellos ornamentos e uma das suas mais legitimas glorias.

Depois de haver servido na commissão da carta geral do Imperio, foi o Dr. L. Cruls admittido, em 1876, commo addido do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, então dirigido pelo sabio Emmanuel Liais.

Graças ao seu perseverante esforço, á sua indomavel energia e applicação decidida, foi, por

indicação do director, em quem para logo se lhe deparou um amigo e um admirador, promovido successivamente a adjunto e a primeiro astronomico.

Ao Dr. Cruls coube a fortuna de collaborar com Emmanuel Liais no estudo da distribuição dos planetoides que gyram entre Marte e Jupiter, e, afóra grande numero de trabalhos scientificos, citam-se a sua noticia da observação da passagem de Mercurio em 1878, a dos methodos geodesicos da reiteração e da repetição, a descriptiva do Observatorio Astronomico e, finalmente, uma memoria sobre Marte na sua opposição de 1877.

Tem escripto varias memorias sobre assumptos de astronomia e grande numero de noticias scientificas, que estão publicadas nos *comptes-rendus* da Academia de Sciencias de Pariz.

Ainda ha pouco tempo trouxeram elles uma nota do Dr. Luiz Cruls sobre um methodo novo de determinação das longitudes geographicas, para o qual imaginou uma modificação do sextante, que se está construindo agora nas officinas do Observatorio.

Outra publicação recente do nosso illustre patriocio é uma monographia sobre um aparelho novo, o « barometro differencial », que elle inventou e mandou agora construir na Europa.

Tambem recentemente expoz o Dr. Cruls na *Revista do Observatorio*, publicação que elle fundou e dirige com admiravel criterio, um processo graphico novo para o calculo das occultações e eclipses, a respeito do qual organisa actualmente um trabalho mais desenvolvido, que será publicado no correr d'este anno.

Em 1882 o Dr. Cruls planejou a expedição das commissões que observaram a passagem de Venus pelo disco solar, a 6 de Dezembro d'aquelle anno, nas Antilhas, em Pernambuco e em Punta-Arenas, ficando a ultima sob sua immediata direcção.

Entre as diversas publicações do Observatorio Astronomico, destaca-se, pela sua importancia, o tomo III dos *Annaes*, volume de cerca de 600 paginas, que traz os resultados, excepcionalmente completos, d'aquella observação, que deu para valor da parallaxe do sol 8",808, concordando admiravelmente com a media dos valores obtidos e publi-

cados *posteriormente* por diversas commissões estrangeiras.

O nosso biographado foi o primeiro astrónomo que observou scientificamente o grande cometa de Setembro de 1882, ao qual deram na Europa o nome de Cometa Cruls.

Na ausencia do Dr. Emmanuel Liais, director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, foi nomeado para occupar esse cargo, a principio interina e depois effectivamente, o Dr. Cruls. Todos os que entre nós se preoccupam com o movimento scientifico, podem dar testemunho de quanto tem elle feito em prol do desenvolvimento e melhoria d'esse notavel estabelecimento. O nosso Observatorio, graças aos innumerados e utilissimos trabalhos de seu director, e principalmente aos *Annaes*, cuja publicação começou em 1883 e tem continuado regularmente até hoje, é conhecido no mundo scientifico como um dos mais notaveis do hemispherio austral.

Em Março de 1883 foi o Dr. Cruls agraciado pelo governo imperial com a commenda da Rosa, e, na sessão annual da Academia de Sciencias de Pariz, celebrada no começo do mesmo anno, obteve o premio Valz, pelos seus trabalhos de astronomia. Releva notar que esse premio foi iustituido para recompensar os trabalhos mais importantes de astronomia realisados em toda a superficie do globo, sendo que muita vez a Academia de Sciencias de Pariz o não tem conferido por ausencia de merecimento dos candidatos.

Em 1884 o Dr. Cruls representou o governo do Brasil no congresso celebrado em Washington para o fim de adoptar-se um unico meridiano.

Em 1887 e 1889 tomou parte nos congressos havidos em Pariz para confecção da carta do céu pelos processos photographicos. Nessa occasião foi agraciado pelo governo francez com o officialato da Legião de Honra.

Por occasião da reorganisação das escolas militares em 1889, foi nomeado lente cathedratico de astronomia pratica e geodesia da Escola Superior de Guerra.

Em 1892 foi nomeado chefe da commissão incumbida de demarcar no planalto central do Brasil uma area de 14,400 kilometros quadrados, reservada, em virtude do art. 3º da Constituição da Republica, para o futuro districto federal em que deve ser construida a nova capital da União. De volta d'essa commissão, depois de organizar um relatorio parcial dos seus trabalhos, que foi remettido ao Governo e ao Congresso, está preparando o relatorio geral, que será acompanhado de um atlas, contendo os itinerarios percorridos e levantados numa extensão superior a 4,000 kilometros, e desenhados numa escala de 1,100,000. O governo da Republica não poderia acertar melhor quando o escolheu para chefe d'essa commissão.

Em 1884, Joaquim Nabuco dizia do Dr. Luiz Cruls, num folhetim do *Jornal do Commercio*:

« Valente e decidido, casou com uma brasileira, o que é sempre bom signal, e, acolhido por nós, impressionado pela nossa natureza e pelo agasalho que encontrou, foi pouco a pouco tornando-se brasileiro, até que não pôde mais deixar de o ser. » Realmente, Luiz Cruls, até mesmo pelo seu aspecto physico, é o europeu mais brasileiro que conhecemos. Falla e escreve correctamente a nossa lingua.

« O Dr. Cruls (escrevia ha nove annos o saudoso Arthur Barreiros) é um brasileiro notavel, pertence á legião heroica dos nossos representantes ante a civilisação; e d'elle se pôde dizer sem hyperbole que tem sabido elevar até os astros o nome brasileiro. » Que melhor phrase poderíamos encontrar para fecho d'este « esboço biographico » ?

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Essa linha de pontos ahi fica supprindo as considerações que ao chronista provocariam necessariamente os dolorosos successos que ha dias enlutam a nossa querida Patria, e nos quaes o povo representa o irrisorio papel de Simão Quarenta, quando no 2º acto da *Mascotte* o pobre principe apanha, por tabella, uns tantos muros que não eram seus.

O outro dia, assistindo de Santa Thereza ao bombardeio do Arsenal de Guerra, ouvi a um homem do povo esta phrase que me pareceu topica:— Quando o Mar briga com a Terra, quem soffre são os mariscos.— Os mariscos somos nós, que não temos a honra de vestir uma farda ou de cingir uma espada...

*

Ao som d'esses tiros absurdos, disparados por brasileiros contra brasileiros, soltou o ultimo suspiro o bravo Portocarrero, o heróe do Forte de Coimbra, que se orgulhava de haver recebido de Moltke uma carta comparando aquelle feito d'armas ao das Thermopylas.

O illustre octogenario morreu, levando comsigo a ineffavel satisfação de não ter sido jamais obrigado, por circumstancias tristissimas, a desembainhar o seu ferro glorioso contra os filhos de sua Patria.

*

Registre-se tambem nesta chronica lutuosa o fallecimento do capitão-tenente Malveiro da Motta, official estimadissimo na sua classe, e o facto, profundamente doloroso, de se haver suicidado um brasileiro distincto, o deputado e senador do Imperio Manoel José Soares.

O suicida era agora presidente de um banco, mas o acto de desespero que o matou nenhuma

relação tem com a sua situação commercial. Rico, respeitado, aparentemente feliz, o misero não resistio á dor de ter perdido um filho. Deus lhe perdoe.

*

Terminando, faço votos para que acabe a guerra civil que nos desgraça, guerra inaldita, cuja primeira victima quiz a fatalidade que fosse uma pobre mãe, baleada em presença dos filhinhos.

A.

SÓ'

A ARTHUR AZEVEDO

Só, porque soffra só, no ermo encerrei me. A grossa
Chuva despenha, enchendo as gandaras ; a juba
Das corpulentas arvores acossa ;
Remuge ; engrossa ; e, á proporção que engrossa,
Galhos e galhos de arvores derruba.

Correm para os marneis e borraças enxurros
Grossos. O vento a copa ás arvores repella ;
Parte, gandaras fóra, em queixosos sussuros
E volta após em açamados urros,
Forçando a porta e os vidros da janella.

Tudo me causa horror : meu proprio cão que dorme
Esticado a meus pés, tranquillo e molle, arfando ;
De uma arvore ja velha um galho enorme
Que se desprende ; e, ao longe, um sapo informe
Pelo pedrouços asperos pulando...

E eu fico ermando aqui, longe do Mundo Longo
Tempo, recluso, a ouvir o baque d'agoa que ora
Em nobre assanho augmenta, a n rtada, o prolongo
Que desce e corre para o campo, alongo
O triste olhar por esse Mundo fóra ..

E sinto, emquanto escuto a horrivel tempestade
E o regougo infernal das nortadas furiosas,
Que o amollecido espirito me invade
Ora uma frouxa e languida saudade,
Ora a legião das coisas dolorosas.

Aqui, onde ninguem as coleras me irrita,
Onde o rumor da chuva apenas se percebe,
Aqui, sob este tecto, em que a alma se me agita
Longe do Mundo em que a Mulher habita,
Longe dos olhos da escarninha plebe,

Aqui mesmo, aqui mesmo, o negro Tedio, á laia
De um espectro feroz que os dentes arreganha,
Encara-me de frente, o golpe ensaia,
E ladra após uma estrondosa vaia
Que as mais occultas coleras me assanha !

*

E a chuva continúa a cahir... Os enxurros
Correm. O vento a copa ás arvores repella ;
Parte, gandaras fóra, em queixosos sussurros
E volta após em açamados urros,
Forçando a porta e os vidros da janella.

JULIO CESAR DA SILVA.

COMO SÃO OS ANJOS

Elle entrou na sala : tinha os olhos muito abertos para ver muito; assentou-se na beirinha da cadeira. Acanhamento? Receio de machucar o estofo? Não sei. E olhava para os quadros de moldura dourada ; via o espelho de bocca aberta, e tão sorpreso como elle, ou sorpreso por vel-o alli.

Que cadeiras tão bonitas, com camisas de renda ! O piano ! O lustre ! Pensou que era uma candeia grande !

A moça passou ; elle encarou-a, quiz comprimental-a, arredou as pernas para não tocarem no vestido d'ella, estremeceu : a sensação de uma nuvem.

Ella olhou e sorriu ; com ambas as mãos bateu e juntou o vestido ; passou. Se elle soubesse a historia de Phrynea, diria que tinha visto...

D'ahi a pouco chegou o dono da casa : era um figurão. Elle levantou-se logo. O homem estava bem vestido : tinha, como as mulheres faceiras, brilhantes por toda a parte : no peito, nos punhos, nos dedos. A corrente do relógio cheia de brincadinhos, a tintinar.

O moço estava parado, perfilado, queria coçar a cabeça...

O homem não lhe estendeu a mão ; elle ficou assim... era muita confiança !

Ja anoitecendo : accenderam o gaz. De sopetão elle espantou-se e apertou os olhos. Uma menina rio-se.

Veio o café, o assucareirozinho de prata, as chicaras muito bonitas, com flores douradas, a bandeja de uma lustrosa madeira, e cheia de figuras ; o criado mais bem vestido do que elle. Teve medo de tomar café... Se a chicara cahisse?...

O homem offereceu-lh'a.

Segurou-a muito, quasi a fechou na mão. Beijou apenas o café. Tremia, e a chicara tambem tremia...

A moça voltou do jardim ; trazia uma rosa no peito ; vinha a rir-se ; em vez de uma borboleta numa rosa, era uma rosa numa borboleta. Ella foi para o piano, e começou a tocar uma valsa.

Ah ! antes fosse um fadinho !

O dono da casa recebeu uma carta e foi ler ; e a menina conversava com a boneca ; elle ficou só : levantou-se, suspendeu as calças e sahio sorrateiramente para o jardim.

A moça cantou : que voz divina !

Quando acabou a aria, olhou para fóra, como fazem os canarios, para ver se alguem a ouvia. Ao longe vio uma pessoa parada ; dava-lhe de chapa a luz do combustor de gaz sobre o rosto, brilhava... uns brilhantes que corriam : lagrimas?... Reparou muito : lagrimas.

Era elle, o hospede, o pobre moço, que vinha da roça para empregar-se ; filho do compadre Mathias, pobre e honrado. Não sei se é pleonasmio.

Porque é que elle chorava ?

Ella tocou uma peça triste ; cantou uma coisa triste, muito triste.... As reticencias são lagrimas.

Os anjos são assim mesmo: choram, não por si, mas pelos outros: para pagar as lagrimas só lagrimas ; os brilhantes brilham, mas não são lagrimas.

Quando o moço entrou, ella reparou : que olhos bonitos ! que bocca sincera ! Foi conversar com elle ; grcejou ; elle quiz responder, não pode, corou...

— Bem bonito !

E os olhos d'ella brilharam.

O senhor homenzarrão lá foi responder á carta ; a menina pegou no somno ; a moça foi para dentro, e a rosa cahio-lhe do seio, perto d'elle ; elle vio, e ella vio que elle vio.

Elle apanhou a rosa ; tremia como se apanhasse uma bolsa cheia de ouro ; olhou em redor, empallideceu ; depois, sorrindo, escondeu a flor dentro do peito : parecia que lhe dava um abraço. Cahio uma petala ; apanhou-a, cheirou-a, beijou-a : o perfume d'ella, o beijo d'ella ..

Ella espiava-o por detraz da porta ; elle, porém, não a vio ; quem está preocupado não vê a aurora.

A moça voltou, fingindo que procurava ; as moças sabem fingir.

— Vio uma rosa que me cahio do peito ?

Elle foi dizer que—sim—e emendou um—não—com a cabeça : uma cruz como quem se benze.

Ella achou-lhe tanta graça !...

O amor é assim mesmo.

Foi ao theatro com elle ; foi á festa com elle ; foi ao baile com elle.

Quanta gente a adora ! — E volta-lhe aquella tristeza e receio...

D'uma vez a moça lhe perguntou:

— Em que scisma ?

— Em nada.

— O senhor ama ?

— Amor ? !...

— O amor é tristonho ?

— Não sei, minha senhora, mas sei que os infelizes são tristes.

Ella achou não sei o que nessas palavras :

— E' muito intelligente ! — O amor é perspicaz.

Passou tempo :

— Era de mais ; nem lhe podia dizer mais ; amava o, já lh'o dissera, com a rosa, com os olhos, com o riso, eom o coração !...

O paç chegou muito satisfeito ; chamou a filha, declarou-lhe que o conde tinha-a pedido em casamento.

Ella corou, abaixou os olhos, não respondeu.

— O conde é muito rico !

— Nós também somos ricos.

— Mas um pão com um pedaço...

— E por que não dous pães logo de uma vez ?

Para quem deixam o outro pedaço ?...

— Ha de se fazer o casamento. O conde é uma perola !...

— Todos elles são perolas ; mas não indaguemos de onde sahiram.

Ella disse ao moço que o pae queria casar-a com o conde.

Elle ouviu, e ficou de pedra.

— Não sei o que hei de fazer...

Elle responde :

— Eu também acho pouco...

Ella encarou-o assombrada ; elle sorriu e empallideceu ; entretanto quem sorri cora : o sorriso era superficial : galões de um feretro.

Ella retirou-se, foi esconder as lagrimas. Quando voltou ao salão, achou-o vasio ; o jardim, vasio ; olhou para o horisonte : o vasio da saudade !...

Desgraçado ! fel-a também desgraçada.

— Por que o amei tanto ? dizia ella.

Os anjos são assim mesmo.

J. DE MORAES SILVA.

EPHEMERAS

E' esse o titulo de um livro de versos que recebemos de S. Paulo. Chama-se o poeta Silvio de Almeida. O volume foi muito mal impresso, em papel de duas qualidades, e isso predispõe naturalmente o leitor contra a obra.

Quanto ao merito das *Ephemeras*, remettemos o leitor á bella introdução que para o livro escreveu o grande poeta Raymundo Correia, e em seguida transcrevemos.

INTRODUÇÃO

Prefacios em obras d'este genero, quando não servem de ensejo aos respectivos prefaciadores para exporem emphaticamente sobre letras e artes, com ostentativa e empolada erudição, tão pomposas quão inconsistentes theorias, não sei para o que servem mais.

Creio que por labias d'essas o leitor não se deixa enganar facilmente, como creio que não ficaria impune quem lograsse enganar-o ; e tenho por certo que não surte effeito nunca a pretensão fatua daquelle que se arroga o poder de inculcar ao publico um autor qualquer, quando este por seu turno não esteja em condições de recommendar-se a si mesmo, unicamente pelo seu real merito. Segue-se d'ahi, a meu ver, que, se o livro prefaciado faz successo, o autor do livro nada fica a dever por isso ao autor do prefacio ; segue-se, em summa, a inutilidade dos prefacios, acerca da qual, se eu nada hei dito de novo, também nada mais tenho a dizer.

Encetando com algumas palavras minhas este primeiro livro do nosso poeta Silvio de Almeida, não faço mais do que acceder ao convite com que o amigo me quiz distinguir. E' uma incumbencia que considero irrecusavel para mim. Mas estas poucas linhas, quero que signifiquem apenas a



Phototypia J. Gutierrez.

LUIZ CRULS

sympathia que mutuamente nos liga, a mim e ao joven autor do livro.

Leiam-se os bellos versos de Silvio. Lendo-os, nenhum outro sentimento melhor se casa e se enlaça á admiração, que em nós despertam pelo autor, do que — a sympathia.

Não duvido e chego mesmo a affirmar que este delicado sentimento brotará espontaneo em quem quer que os leia, sem ser de mister para isso conhecer o amavel poeta e tratar com elle directa e pessoalmente.

Na epoca tormentosa que atravessamos, quem sabe se os livros d'esta natureza podem abrir ao menos um refugio de paz ás almas descrentes e attribuladas? O coração dos poetas está sempre aberto para receber os que soffrem, e são estes justamente os que procuram nelle um refugio. A epoca actual é com effeito dura e penosa por demais para a vida do espirito. Que vemos nós em torno?

O patriotismo, a abnegação heroica e as mais nobres virtudes deixam de ser uma realidade, evaporando-se em phrases ócas; afrouxam-se os laços da familia; os protestos da verdade e da justiça são abafados pelo rude choque das paixões mesquinhas; a agiotagem campeia por toda a parte e vae tomando as proporções de um verdrdeiro saque; o vicio deixou cahir a mascara e já se não dá mais ao luxo de a afivelar de novo ao rosto; e a hypocrisia já então vae achando melhor transformar-se em cynismo para assim viver vida mais commoda e folgada.

O aspecto sob o qual todas as coisas são encaradas presentemente por uma litteratura doentia e *fin de siècle* traduz com triste exactidão esse máo estar que nos opprime e asphyxia, num meio ambiente irrespiravel.

Aqui e além, dentro e fóra da Patria, os horisontes se mostram cheios de negros presagios; e, sob o temporal imminente e prestes a estalar, ninguem sabe para onde fugir. Sentimo-nos nas vespervas, senão já em face, de um imprevisito que nos apavora, e só esperamos ouvir a todo instante o tremendo — *Salve-se quem puder!*

No meio de tão mestas e dolorosas apprehensões que nos carregam a alma, um livro como este de Silvio de Almeida me parece agradavel surpresa.

Refiro-me ao que ahi se contém mais em contraste com o máo gosto da epoca, ás poesias extremes d'esse amarujento pessimismo que se extravasa em quasi todos os livros modernos. No fundo d'essas obras perversas da decadencia descobre-se sempre uma lia nauseante, como o sedimento de um máo vinho. Na maior parte das poesias de Silvio descobre-se ao contrario uma boa intenção que alenta e confortta o espirito.

Se me é dado mencionar aqui, d'entre essas poesias, algumas a que dou a preferencia por mais me haverem agradado, eu mencionarei as que o autor intitula — *O melhor premio, Escrevendo,*

Vae poetae!, Porque sou triste?, A' Stella, Defronte de um templo, O diluvio, Decepção e Antes de partir

Na leitura d'esses bellos versos encontrarão talvez algum lenitivo os corações sensiveis atormentados pelo tedio e enojo da vida actual. Ha nelles algum fermento vivo do bem que nos foge, capaz de levedar esse ideal sadio que com os olhos da alma vemos decrescer e mingoar em todos os corações. Respiram elles uma ineffavel paz, uma branda ventura e um casto amor que se occulta modesto no doce conchego da familia — tecto extremo dos deuses lares e derradeiro asylo da fé.

No meio da universal *débâcle*, assistindo ao descambar das nossas mais risonhas chimeras e esperanças, parece que não temos a quem recorrer em nossa fraqueza, senão a um pouco d'essa fé, que ainda nos reste. Lutando e combatendo, não temos mais segura arma defensiva, para escaparmos ao enorme naufragio ou total desbarato, do que essa valida crença — ancora para o nauta e broquel para o soldado. E porque o poeta é um crente e um forte, sua alma viril, livre e independente, abraçando o escudo crystalino da fé, atravessa sem medo, cantando e rindo, as cruas batalhas da vida, e voa e paira incolume acima da ira vermelha dos combatentes.

« Não vê perigos a que não se affoite;
E fica sem dormir por toda a noite
E sae cantando pela madrugada. »

Assim se exprime o poeta. Assim vive elle, forte e feliz, *flartando* com as suas doces musas, eternas companheiras da juventude eterna, que lhe vêm dissipar pela manhan, com effluvios balsamicos, com um beijo, com uma simples corolla, com um pequeno mimo de luz ou de flor, todo o cansaço das lucubrações a que se entregára e toda o abatimento das passadas vigalias.

Recomiendo ao leitor... Mas que ia eu dizendo? Eu não venho recommendar coisa alguma ao leitor, como disse a principio. O livro de Silvio é dos que se recommendam a si mesmos, sem dependencia de paranympchos litterarios, não só pelo fundo, como pela fórma com que as ideias e imagens se nos offerecem nelle, trajadas naturalmente e em geral com uma graciosa simplicidade que me não parece muito commum. E não é somente um bom livro, é um livro bom. Eu pelo menos devo á sua leitura algumas horas de doce satisfação, durante as quaes me senti intimamente reconciliado com as minhas tristezas e assentei em fazer as pazes commigo mesmo e com todo o mundo.

RAYMUNDO CORREIA.

S. Gonçalo do Sapucahy, 20 de Março de 1892.

VISÃO SINISTRA

No estranho pesadelo em que me debatia,
Vi um claustro feral, sinistro, tenebroso,
E, por sob a rachada e sordida arcaria,
Scismava triste, triste, um vulto silencioso...

De pé, fitei-o anciado: as suas vestes traposas
Eram cheias de ichor, eram cheias de lama:
As crostas de ferida, as carnes horrorosas
Tinham phosphorecencia e se abriam em chamma!

A carne podre; os pés esguios; os cabellos
Humidos se enrolando ás espadas nogentas:
Na bocca ensanguentada, em moncosos novellos,
Vermes em procissões lascivas, macilentas...

As narinas sobrando eram vermelhas chagas
Escancaradas, rindo e repletas de pus:
Podre misto de sangue e de ranho, entre vagas,
Rubras scintillações de enfraquecida luz.

A lampada bronzeada enchia mais de horror
O seu corpo corrupto, aberto em podridões.
— Negra estatua tumbal enchendo de terror
As carnes ainda saus, os bellos corações!

Da bocca infecta vinha um filete alvadio
Derramar-se na barba encanudada e escura:
Molle sorosidade humectava o sombrio
Corpo immundo, fecal, de horrivel formosura!

O fetido exhalar de suas roixas narinas
Nauseas, vomitos, peste e doenças derramava:
Rastros negros de sangue e nodoas purpurina
Maculavam a terra em que elle se arrastava...

Era uma arvore má o seu corpo nogento:
Arvore aberta em flor de asquerosas feridas,
Vertendo soro, enchendo a carne de ascorento
Brotar de podridões nas pelles carcomidas.

Os seus olhos febris vomitavam immundos
Prantos, nodoados como as aguas pantanosas;
E os olhares feraes, nostalgicos, profundos,
Perdiam-se talvez em magoas dolorosas...

E essa abjecção rubra, esse cancro horroroso,
Transformado num ser esqualido e nogento,
Lançou-me o olhar sombrio, estranho, pavoroso,
Estacando ante mim... Como um triste lamento,

Escutei a sua voz, vi as suas convulsões,
E se no pesadelo horrivel me concentro.
Ouço o ainda brajar: tu tens mais podridões,
E's mais podre do que eu... Sim! Olha-te por dentro!

CUNHA MENDES.

Sob o titulo *Ensino Agricola*, o Dr. Arlindo Frago, engenheiro civil, professor de mecanica e engenharia rural na Escola Agricola da Bahia, reunio em livro uma serie de bons artigos publicados no *Jornal de Noticias*, d'aquelle Estado, sobre a urgencia e bases da reforma do mesmo estabelecimento. Agradecemos o exemplar com que nos obsequiou o autor.

LIVROS NOVOS

— *Encarnação* (Rio de Janeiro, typ., de G. Leusinger & Filhos).

Este romance, ou antes, esta novella de José de Alencar, é a historia de um maluco interessante e sympathico, um viuvo *sui generis*, ridiculamente apaixonado pela mulher que enterrou.

Sente-se nestas paginas ultra-romanticas a mesma penna primorosa e leve que escreveu os *Cinco minutos*, a *Pata de gazella*, e principalmente a *Viuvinha*.

E' pena que o illustre romancista (por pirraça, pois por ignorancia não podia ser) collocasse tão mal os seus pronomes.

*

— A *Normalista* (Rio de Janeiro, Magalhães & Comp., editores).

Adolpho Caminha, o talentoso autor d'este romance, tem publicado no *Album* alguns bonitos contos: a *Mão de marmore*, o *Exilado*, *Minotauro* e outros. Não é, pois, um nome desconhecido que apresentamos aos nossos leitores.

A *Normalista* filia-se á escola de Emilio Zola. As armas do naturalismo *à outrance* são perigosas em mãos bisonhas, que não saibam apparelhal-as convenientemente. O autor da *Normalista* tem uma perfeita intuição da arte de contar, mas faltam-lhe forças para arcar com o pezo da responsabilidade de suas audacias.

Fazemos justiça ao Ceará, pondo de quarentena a pintura que o romancista faz da sociedade cearense, e ficamos á espera de que elle nos dê um livro mais convicto, mais observado, mais reflectido, mais seu.

O *Paiz* aconselha-o a que se liberte da influencia de certas leituras, e o conselho é bom.

Entretanto, a *Normalista* deve ser lida por quantos prezem as lettras nacionaes. Tem lugar conquistado em todas as bibliothecas aonde não vão meninas.

*

— *Celeste*, scenas da vida fluminense (Rio de Janeiro, Magalhães & Comp., editores).

Délia é o pseudonymo de uma romancista brasileira muito intelligente, que escreve com simplicidade e elegancia, despreoccupada — em boa hora o diga! — da *pompe fleurie* de que fallava Molière no tempo de Mlle. de Scudéry, e ainda fallaria, com mais rasão, se hoje vivesse.

Dito isto, permittam os leitores do *Album* que não insistamos sobre o romance *fin de siècle* que a distincta escriptora acaba de atirar aos ventos da publicidade.

Lemol-o de uma assentada, e confessamos que, até certa medida, a leitura nos interessou e divertio; mas — para que occultal-o? — foi com

um sentimento de magoa que vimos uma senhora ser tão injusta para com o seu proprio sexo.

*

— *Broqueis* (Rio de Janeiro, Magalhães & Comp., editores).

Cruz e Souza, dizem-me, e eu acredito, é um dos nossos poetas vivos mais apreciados pela novíssima geração litteraria. Não serci eu quem tente derribar o seu pedestal.

Embora se repita algumas vezes, Cruz e Sousa verseja com admiravel facilidade, é sonoro, tem opulentas surpresas no seu deposito de rimas, e possui uma correcção de fórma muito para louvar nesta epoca de nephilibatismos. No seu bello volume só encontrei um verso errado; este:

Teu coração lembra a orgia dos triclinios...

e não sei a que attribuir tão inexplicavel descuido.

Mas... maldito *mas!*... escreve o poeta coisas que eu não entendo, não sei se por um defeito da minha intelligencia, o que é provavel, ou por uma enunciação muito subjectiva das suas impressões, o que é possivel. Em todo o caso, ignoro o que seja um « sonho branco de kermesse » e outras coisas que não cito para não alongar esta noticia.

Os versos de Cruz e Sousa fizeram-me o effeito de uma musica estranha cujos sons passaram ligeiramente pelos meus ouvidos e se perderam ao longe, sem deixar nelles a reminiscencia, não digo de uma phrase melodica, mas de um simples accordo.

Reunidos em livro e lidos de uma assentada, como eu os li, os *Broqueis* são incontestavelmente monotonos, porque só ferem uma corda e têm todos a mesma fórma endecassylaba; lidos isoladamente, estou certo, produzirão outro e melhor effeito. Julgue o leitor por si; escolho um soneto ao accaso:

PRIMEIRA COMMUNHÃO

Grinaldas e veos brancos, véos de neve,
Véos e grinaldas purificadores,
Vão as Flores carnaes, as alvas Flores
Do sentimento delicado e leve.

Um luar de pudor, sereno e leve,
De ignotos e de prónubos pudores,
Erra nos pulchros, virginaes brancos
Por onde o Amor parabolas descreve...

Luzes claras e angustas, luzes claras
Douram dos templos as sagrados aras,
Na communhão dos niveas hostias...

Quando seios pubentes estremezem,
Sylphos de sonhos de volupia crescem,
Ondulantes, em fórmas alvadas...

Não entenderam? Nem eu. Mas faz bem ao ouvido, não acham? Comtanto que não se leia outro do mesmo genero logo em seguida.

— A *Capital Federal*, impressões de um sertanejo (Rio de Janeiro, edição especial do *Paiz*).

Anselmo Ribas é um dos pseudonymos de Coelho Netto. A *Capital Federal* colloca-o no primeiro plano entre os escriptores brasileiros. Ha muito tempo eu não lia uma obra, escripta na nossa terra, que me agradasse de um modo tão absoluto e completo. Declaro-me entusiasmado. Guimarães Passos prometeu ao *Album* um artigo sobre a *Capital Federal*; por isso, limito-me áquellas palavras.

COSIMO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

XIII

Ergueu-se o panno. Principiava o segundo acto. E como bem o dissera Lucio a Carrero, na manhan em que lêra a comedia, este era o ponto capital de toda a peça.

Nesse acto as allusões saltavam a cada momento.

A bem dizer estampavam-se ante o publico os instinctos de Dolores. Lá estava, bem representada, a familia do coronel Blanco.

O pariziense, que era um dos personagens da comedia, cortejava a esposa do senador com certa timidez, em quanto ella o accusava, chamando-o de fraco, de cobarde, de ingrato, que a não comprehendia, que, podendo ser feliz, tremia ao som da voz *d'aquelle* velho—e apontava para o senador—que nem um vime seria capaz de vergar.

Pelos espectadores corria a admiração. Aquelle quadro era a photographia da vida real. Os actores faziam-no ao vivo, e com tanta naturalidade, que communicavam á plateia o sentimento moral, que, aos poucos, fugia d'aquella familia para dar entrada ao adulterio. Houve um momento de hesitação.

Puxada ao realismo, a peça repugnára nessa prolongada scena. A cegueira do senador indignava; o cynismo da esposa revoltava. A scena impressionava, porque levava um caminhar pausado e calculadamente feito para dominar a consciencia dos espectadores.

A principio ouviu-se um rumor surdo.

— E' verdadeiro! diziam algumas pessoas entre si, sem desviar o olhar do palco.

— Já se passou commigo uma scena semelhante.

— Que observador! Um rapaz que escreve uma comedia d'esta ordem acabará por ser uma notabilidade!

Esta ultima phrase foi pronunciada quasi aos ouvidos de Guilherme Tosti.

— E' uma immoralidade! dizia este comsigo, esperando o momento em que se indignasse o publico.

— Vês? — dizia em scena a esposa do senador, dirigindo-se ao parizense, em quanto o politico se deliciava com os *apoiados* que os amantes pronunciavam... — Vês este homem debil, que me mortifica a existencia? podes de um instante para outro inutilisal-o. Corresponderás ao meu amor. Desprezal-o-ei, embora, para satisfazer á sociedade, tenha de o supportar ao meu lado!

A commoção havia attingido o ponto culminante. Sentio-se por toda a sala um gradde rumor.

— E' um escandalo!... murmuravam algumas familias.

Lucio, porém, trabalhára na architectura da sua comedia com o escopro de mestre.

Apenas a actriz terminára essa phrase, que era a expressão do maior cynismo, e perdição, dera ao papel do parizense uma feição sympathica.

Pela plateia correu um *oh!* surdo. Foi neste momento que o actor, desprendendo-se do abraço seductor da esposa infiel, veio á rampa e proferio, em aparte, uma phrase repassada de exemplo de nobreza e moralidade:

— Esta mulher — dizia elle — endoidece-me, extasia-me, mata-me com as suas seducções! Ah!... mas não me ha de vencer! Nunca! Minha mãe foi uma pobre mulher, seduzida por um fidalgo! E' dever do plebeu conservar illesa a honra de um senador!

— Responde-me! atalhou de novo a actriz — a tua ultima palavra! Disseste-me, um dia, que me amarias eternamente. Queres o ultimo sacrificio?

— Nunca!

— Fugamos!

— Jamais! Abençoarei esta *cobardia* que os imbecis não conhecem, e que outra coisa não é senão o respeito, que o homem moralizado vota á mulher que se perde e á familia que ella sacrificaria.

— Bravo! rugio o *paraizo*, acompanhando-se de um estrondoso applauso. Bravo!

— *Schio...* interveio a plateia.

A commoção crescia. A scena precipitava-se. O senador sentira soltar-se-lhe das mãos o *infolio* dos seus discursos e deixara-se adormecer.

— A tua ultima palavra? perguntava na maior agitação a actriz.

— Não! não te quero a preço da deshonra!

A esposa do estadista, então, a grandes passos, encaminhando-se para a porta do fundo, estendeu o braço num gesto imponente:

— Saia, imbecil!...

— Obedeço! Antes, porém, de transpor o umbral d'esta porta, quero deixar cahir sobre a fronte d'esse velho infeliz as palavras que muitas vezes ouvi pronunciar pelos labios de minha mãe: o homem, que deshonra uma familia e seduz uma

esposa, é, por si mesmo, nodoa que a sociedade não lavarà jamais!

E de logo, como que desprendendo-se do alto, cahio repentinamente o panno.

Estava acclamado o trabalho de Lucio.

ALFREDO BASTOS.

(*Continúa.*)

THEATROS

A revolta fez com que todos os nossos theatros suspendessem os seus espectaculos; o Apollo, com o *Abacaxi*, e o Recreio, com os *Milagres de Santo Antonio* e outras peças, resistiram heroicamente até terça-feira, mas no dia seguinte fecharam tambem as suas portas.

*

Da companhia lyrica do Sr. Luiz Ducci não ha noticia. Os assignantes ficaram a ver navios... de guerra, e os infelizes, que compraram bilhetes para a representação do *Tannhauser*, interrompida pelo chilique do tenor GabrieleSCO, esperarão debalde que a empreza lhes restitua o seu rico dinheiro.

*

De volta do Rio da Prata, passou ha dias por esta capital a grande Sarah Bernhardt que, da coberta do *Equateur*, teve o prazer de assistir a diversas manobras dos navios revoltosos. A eminente tragica almoçou a bordo da fragata franceza *Arethuse*, que se acha ancorada no nosso porto, veio para a terra, jantou e pernoitou no hotel White, da Tijuca. No dia seguinte deixou (para sempre, *hélas!*) este paiz que agora, mais do que nunca, lhe pareceu *féérique*.

*

Falleceu o actor Barbosa, um dos ultimos da velha guarda, companheiro de João Caetano, Areias, Gusnã, Florindo, Martinho, Galvão e outros que já se têm recolhido aos bastidores da Eternidade.

O Barbosa nunca foi um grande artista, mas era um homem de bem. Ha muito tempo abandonára o theatro e fizera-se guarda-livros, o que, aliás, não o impedia, até ha pouco tempo, de tomar parte nalgumas d'essas representações esportivas a que os actores chamam *tiros*. Nesses espectaculos o seu forte era o *Vinte e nove ou honra e gloria*.

O honrado artista, em quanto as forças lh'o permittiram, dedicou-se de corpo e alma á Sociedade Protectora dos Artistas Dramaticos, e prestou-lhe relevantes e inolvidaveis serviços.

X. Y. Z.